

A IMPRENSA CHEGA AO SERTÃO: A MATUTINA MEIAPONTENSE (1830/1834)

MARIA DE FÁTIMA OLIVEIRA*

Introdução

O estudo sobre primeiro periódico fundado no sertão de Goiás no século XIX, *A Matutina Meiapontense*, aborda os diversos aspectos da Província de Goiás, buscando uma visão geral dos principais problemas enfrentados na região central do Brasil, bem como o pensamento (prioritariamente da elite) sobre essas dificuldades. A partir de um processo minucioso de leitura e catalogação¹, teve como objetivos revisitar aspectos importantes da História de Goiás no período, detectando a incidência dos diversos assuntos tratados no mesmo e a visão de mundo nele veiculada.

A historiadora Tania Regina de Luca², especialista em pesquisas com (e sobre) os periódicos, afirma que até a década de 1970 o número de trabalhos que utilizavam jornais e revistas como fontes para a escrita da História do Brasil foi relativamente pequeno, ressaltando que somente após a vinda da Família Real para o Brasil (1808) a imprensa foi liberada, pois antes disso as tipografias eram proibidas e quem se atrevia a violar tal regra era duramente perseguido. Segundo Luca,

O caráter doutrinário, a defesa apaixonada de idéias e a intervenção no espaço público caracterizaram a imprensa brasileira de grande parte do século XIX, que, é bom lembrar, contava com contingente diminuto de leitores, tendo em vista as

* Professora Efetiva do Curso de História da Unidade Universitária de Ciências Sócio Econômicas e Humanas (UnUCSEH) da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Docente do Programa de Pós-Graduação em Território e Expressões culturais no Cerrado/UEG. Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: proffatima@hotmail.com

¹ O resultado da catalogação geral do periódico por categorias, encontra-se disponível (em tabelas Excel) para consulta no Laboratório de História (LABORHIS) da Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas (UnUCSEH) da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Vale ressaltar que o projeto foi importante também para a Iniciação Científica, favorecendo o aprendizado de 2 graduandos do curso de História da UnUCSEH (Talita Michelle de Souza (PIBIC/CNPQ) e Thalles Murilo Vaz Costa (PIBIC/UEG), no que se refere às especificidades do trabalho com uma fonte histórica do Século XIX..

² O texto da professora Tânia Regina de Luca (UNESP – Assis), além de oferecer embasamento teórico para a pesquisa com a imprensa, apresenta sugestões práticas, orientando o pesquisador sobre como proceder em pesquisas com esse tipo de fonte histórica.

altíssimas taxas de analfabetismo. Os aspectos comerciais da atividade eram secundários diante da tarefa de interpor-se nos debates e dar publicidade às propostas, ou seja, divulgá-las e torná-las conhecidas (LUCA, 2005:133-4).

A autora conclui que a imprensa desempenhou importante papel em momentos políticos cruciais da História do Brasil, como por exemplo, na Independência, na Abdicação de D. Pedro I, na Abolição e na República. É, portanto, no contexto da Abdicação e, logo em seguida, no período Regencial, que se funda no arraial de Meia Ponte na Província de Goiás, o periódico, *A Matutina Meiapontense*.

A Província de Goiás no Século XIX

A máxima de que para Goiás, o século XIX inicia-se sob os auspícios da “decadência” tem sido largamente discutida. Para uma melhor compreensão do período e contexto da Província de Goiás nos oitocentos são de grande valor as fontes produzidas na época, como por exemplo, o periódico *A Matutina Meiapontense*, os relatórios dos Presidentes da Província e os relatos de viajantes estrangeiros que passaram por Goiás. Dentre os viajantes estão os franceses Auguste de Saint-Hilaire e Castelnau, o austríaco Emanuel Pohl, o inglês Willian Burchell, o escocês George Gardner e o português Luiz D’Alincourt.

Segundo Palacín, a descoberta do ouro nas cabeceiras do Rio Vermelho e proximidades no século XVIII, teria antecipado a ocupação³ da região de Goiás em século e meio a dois séculos da penetração normal. Até este século, Goiás não havia despertado o interesse da Coroa Portuguesa, pois além de estar distante do litoral, com difícil acesso, não oferecia nenhum produto atrativo para o comércio. Foi então, como afirma Palacín, que a descoberta do ouro (1722/25) na região pertencente à Capitania de São Paulo, fez com que a atenção da Coroa voltasse para as minas dos Goyazes. Mas a riqueza do ouro não durou muito em Goiás sendo que na década de 1770 já era visível a diminuição da extração do metal⁴.

³ O autor se refere aqui à ocupação pelo elemento externo, utilizando-se de um termo muito explicativo, o da *corrida do ouro*, pois a referida região já era habitada pelos autóctones desde longa data.

⁴ Para maiores informações sobre dados da produção aurífera em Goiás, ver Palacín, Luis. *O Século do Ouro em Goiás*, Goiânia: UCG, 1994.

Ledonias F. Garcia (1999: 67), “(...) a província mais central do território nacional, viveu durante o Império, essa situação ambígua. De um lado, pertencia ao Império, atendia ao governo do Imperador, estava sujeita às leis e ordens emanadas da Corte; do outro, estava à margem da vida que a nação poderia oferecer”. É neste período, de construção da Nação, que surge em Goiás este meio de comunicação que em muito contribui para elucidar aspectos da História regional neste contexto histórico.

O Nascimento da Imprensa em Goiás: A Matutina Meiapontense

Esse primeiro periódico do Brasil central, cuja tipografia foi adquirida na cidade do Rio de Janeiro por um goiano, Joaquim Alves de Oliveira⁵, iniciou sua publicação em 5 (cinco) de março de 1830, constituindo-se em mais de 500 edições, que circulou até o ano de 1834. Suas primeiras publicações circulavam apenas duas vezes por semana, passando posteriormente a ser editado três vezes por semana. Além do interesse em difundir a cultura, constava de seu programa, registrar os acontecimentos nacionais e estrangeiros e divulgar os atos do governo. A assinatura do periódico era feita também em Vila Boa e Traíras (Goiás), em Cuiabá (MT) e em São João Del Rei (MG).

A partir da leitura e catalogação do periódico, foi possível perceber a forma de apresentação dos assuntos, composição e preferências pelos temas tratados. A ocorrência de várias notícias sobre a Província de Mato Grosso se justifica pela proximidade e interesses em comum entre as duas Províncias centrais do Império. Tanto Goiás como Mato Grosso estavam enfrentando nessa época, sérios problemas econômicos após a queda da mineração.

A Província de Goiás na visão d’A Matutina Meiapontense

Na catalogação geral do periódico, destacamos quinze assuntos principais, agrupados do seguinte modo: Política/Administração; Educação; Questões Indígenas; Escravidão Negra;

⁵ Joaquim Alves de Oliveira (1770-1851) é natural do Arraial de Pilar de Goiás. Em 1792 foi para o Rio de Janeiro com intuito de entrar para a carreira eclesiástica, na qual não obteve êxito. Passou então a trabalhar como caixeiro e em seguida como negociante autônomo, dedicando-se ao comércio e obtendo certo sucesso. Retornou para Goiás e adquiriu terras e boa tropa para transporte e escravos. A fortuna conseguida por ele em Goiás chama a atenção principalmente pelo período, pois o comércio na Província havia entrado em colapso devido à drástica diminuição da mineração (COSTA, 1978: 43).

Festas; Cadeias/Violência; Religião/Igreja; Comércio/Valores; Saúde Pública; Imprensa; Comunicação; Meio ambiente; Gênero; Norte/sul; Rios/Navegação. A predominância geral fica por conta de transcrição de atas e decretos e ofícios do governo provincial e nacional, de discursos de senadores e deputados, bem como notícias retiradas de outros jornais. Pode-se dizer que o periódico se prestava, de certo modo, como uma imprensa oficial, pois esta não existia.

A publicação de correspondências era uma constante no periódico. Em seu primeiro número já incentivava a participação dos leitores:

Recebem-se correspondências vindas com as formalidades legais, e se guardará inviolável segredo, quando assim o exija. Protestam-se não aceitar as correspondências que discordarem da decência que deve aparecer nos escritos de nossa folha, que só tem por fim a felicidade da Pátria, na identificação de todos os brasileiros com a Constituição e o Imperador (A Matutina Meiapontense, 1830: n.º 1).

Os autores sempre se utilizavam de pseudônimos, e em muitos casos percebe-se que o autor se faz passar por pessoa ignorante, fato pouco provável, pois escrevia corretamente. Recorriam sempre a apelidos, como por exemplo: “O Zeloso da verdade”, “O perguntador”, “Hum Natural de Serro Frio”, “A apaixonada”, “O Amigo das cousas boas”, “Cansado de Esperar”, “O assustado”, etc.

Outra correspondência descreve o pensamento de uma mulher, sobre sua condição (feminina) na Província, no século XIX. Sob o apelido de “A Apaixonada”, a correspondente alega nunca ter se casado por não se sujeitar à condição de subalternização da mulher. Portanto, por meio das correspondências é possível perceber a mentalidade e o dia a dia das pessoas, os problemas enfrentados pela população como, por exemplo, o estado de descaso que se encontravam estradas, pontes, cadeias e outros bens públicos. O espaço dedicado às cartas, muitas vezes oferecia direito a réplicas e trélicas. É significativo também o número de diferentes categorias de notícias, tanto nacionais como estrangeiras.

Percebeu-se também a constata transcrição de notícias veiculadas pelos jornais que vinham de outras localidades, o que era uma estratégia muito utilizada e se justificava pelo objetivo de estar inteirando os moradores a respeito do que se passava em outras províncias, na capital do Império e no mundo.

A temática educação mereceu espaço significativo nas publicações d'A *Matutina*, oferecendo interessantes subsídios para se entender a dimensão em que se encontrava a instrução pública na Província de Goiás. Interessante observar que o periódico, além de funcionar como um órgão de informação, chamava a si a função de instruir e educar. Em seu primeiro editorial fica evidente a defesa da instrução como a melhor e maior garantia dos governos constitucionais, "... persuadido de que os periódicos têm concorrido, em grande parte, para espalhar a luz entre os povos, empreendi a árdua empresa de redigir o periódico." (A *Matutina Meiapontense*, 1830: n.º 1).

Sobre essa temática, constatou-se que, como na maioria das províncias do Império, a carência era enorme. Desde falta de professores habilitados para exercerem a função, inexistência de livros, papel, penas, e poucos alunos frequentando as aulas. Várias irregularidades foram encontradas no regimento interno das escolas, bem como as queixas contra a indisciplina dos alunos.

*Inspecionei as Escolas de 1ª Letras desta Cidade, e achei mui regulares e aplicadas a do professor Braz Pereira Mendes, e de José Leite Pereira, e em total desleixo, e abandono a Escola Publica administrada pelo professor José Alves Pereira, a qual requer muito prontas providências a fim de que não esteja a Nação pagando a um professor sem o mais pequeno aproveitamento (A *Matutina Meiapontense*, 1831: n.º 253).*

Se no Brasil como um todo, a situação do ensino no XIX era marcada pelo improviso, pode-se constatar que situação da Província de Goiás se encontrava em igual situação ou até pior, devido a aspectos históricos conjunturais: posição geográfica interiorana, ausência de infra-estrutura, escassez de meios de comunicação, economia de subsistência, esgotamento das minas auríferas, constantes confrontos com os povos indígenas etc. Entretanto, se pela leitura dos documentos do século XIX sobre a educação, pode-se constatar que a mesma era desorganizada e ineficiente, a visão que a *Matutina* nos passa é que em Meia Ponte, as condições de aprendizagem fossem menos deficitárias que no restante da Província.

Tudo se facilita em Meyaponte para se estudar: temos livros, professores, que apesar de não receberem o menor estipêndio, se acham sempre prontos, e jamais deixarão de comparecer na aula, como é geralmente sabido, por que razão não há mais que 14 alunos, no Arrayal o mais populoso da Província? He porque a ignorância em que vivem os pais, e a má educação que geralmente dão aos filhos, faz que os primeiros entendam que se pode ser muito feliz (na riqueza dizem estes miseráveis consiste a felicidade) sem nada saber e os segundos não querendo sujeitar-se a uma conduta mais séria e regular, preferem a ignorância em que são nutridos (A Matutina Meiapontense, 1832: n.º 333).

De acordo com esta mesma fonte, além de professores dispostos a ensinar, mesmo sem receberem por seu trabalho, havia também uma biblioteca com os livros necessários para o aprendizado e a ainda, o periódico que também visava contribuir como um veículo propício à instrução: “Teremos em breve a ufania de que os Meiapontenses serão conhecidos em todo o Brasil pela civilidade, polidez, literatura, e bons costumes; seja a divisa de Meia Ponte a franqueza, a boa fé, e a liberdade” (A Matutina Meiapontense, 1830: n.º 19).

A Saúde Pública também mereceu destaque em muitas edições. Em 1826 foi fundado na Cidade de Goiás o Hospital São Pedro de Alcântara (único hospital de toda a Província de Goiás). Inicialmente o tinha o caráter filantrópico no qual acolhia doentes, presos e até mesmo escravos (é pertinente esclarecer, que o tratamento dado ao escravo só era realizado mediante a autorização do proprietário).

Foi possível perceber que a situação do Hospital era de grande escassez, pois em diversas edições d’A Matutina havia anúncios de uma espécie de loteria com a realização da venda de bilhetes para arrecadar dinheiro destinado para à manutenção da instituição.

As queixas mais constantes verificadas foram: a falta de cômodos, de leito para o abrigo dos doentes, e a escassez de médicos e remédios para o tratamento adequado aos enfermos. A enfermaria também passava por problemas que consistiam na falta de asseio e utensílios. Nota-se ainda que a localização do Hospital era imprópria,, tendo de um lado o Rio Vermelho, e do outro lado, a capela da Senhora do Carmo, no qual eram sepultados muitos cadáveres. “[...] As enfermarias dos doentes são mal asseadas, falta de utensílios e assoalho: e

é de absoluta necessidade construir uma latrina para despejo das fezes humanas, que se vêm espalhadas pelo pátio vizinho.” (A Matutina Meiapontense, 1833: n.º 494).

Essa situação de carência na área da saúde em Goiás já havia sido observada pelos viajantes europeus quando de sua passagem pela região no início do século XIX, que afirmavam haver carência de médicos em Goiás, sendo as doenças, por várias vezes, tratadas a partir da crença em superstições, amuletos e ervas medicinais. Quando Emanuel Pohl passou pela Cidade de Goiás, detectou inúmeras doenças entre os habitantes, dentre elas as apoplexias nervosas, no qual atribuía sua causa “a violenta evaporação do solo durante a estação chuvosa”. Também Saint-Hilaire faz referência à precariedade dos serviços médicos em Goiás no mesmo período.

À época de minha viagem não havia em Vila Boa nenhum médico. O único cirurgião disponível [...] era, segundo diziam, de uma displicência total, aliada a uma absoluta ignorância. Os comerciantes de tecidos e de miudezas costumavam vender alguns remédios que recebiam do Rio de Janeiro, mas ninguém tinha a menor noção do que fosse uma farmácia. O capitão-geral reclamara várias vezes ao governo central sobre a absoluta falta de recursos médicos na região, mas suas palavras não foram ouvidas. (SAINT-HILAIRE, 1975: 52).

Por meio das descrições apresentadas, tanto pelos artigos constantes do periódico quanto pelos relatos dos viajantes que passaram pela região no período, é possível constatar a precariedade em que se encontravam as condições da população, no que se refere ao quesito saúde, em Goiás no século XIX.

Sobre a temática Cadeias/Violência, pôde-se observar um fato sempre recorrente no conteúdo do periódico: a queixa dos presos sobre o estado deplorável da cadeia. Segundo eles, faltava higiene, limpeza, latrina e às vezes até água. A reclamação contra o mau cheiro era também constante, pois os presos se viam obrigados a ficarem agarrados nas grades para respirar um ar puro. Quanto à falta de seguranças das cadeias, são muitas as notícias que descrevem a situação miserável em que se encontrava: necessidade de reparos; não apresentando nenhuma segurança, podendo ser arrombada facilmente; havia um buraco por

onde fugiam vários presos e uma escada danificada; era muito imunda, exalando mal cheiro provocado pelos excrementos lançados pela latrina. A situação era, portanto, alarmante, chegando-se ao ponto de haver um comunicado à Câmara, informando que o carcereiro encontrava-se enfermo “e que as chaves das Cadeias andavam em mãos dos presos...” (A Matutina Meiapontense, 1834: n.º 503). Portanto, fica evidente que a maioria das cadeias da Província não oferecia segurança, contando com vários buracos por onde os detentos podiam sair tranquilamente.

Segundo relatos de vários Presidentes de Província, aplicar a justiça em Goiás era tarefa complexa. Para os Presidentes da Província, a impunidade era justamente o grande fator que colaborava para que em Goiás fosse somado cada vez mais o número de criminosos, vadios e vagabundos provenientes das províncias circunvizinhas. São constantes as recomendação aos Juízes de Paz para que tenham mais vigilância e cuidado sobre as pessoas provenientes de outras regiões para a Província e que para evitar a entrada de facinorosos e malfeitores, serão examinados o passaporte e os demais papéis (A Matutina Meiapontense, 1833: n.º 439).

Outra fonte que vem confirmar tal situação é a escrita de Cunha Matos, quando afirma que os vadios em Goiás eram aqueles que: “não querem trabalhar, contentam-se com a mendicância, com o roubo, com caça dos bosques, frutos das árvores e raízes da terra; e isto mesmo quando se acham com facilidade, pois que a dificultar-lhes, tomam como alimento o mel da abelha que encontram em algumas rochas e árvores” (MATOS, 1979: 75).

Sobre a temática Escravidão Negra, o olhar d’A Matutina é prioritariamente voltado para anúncios de fugas e as respectivas recompensas para quem encontrar o escravo, como mostra o seguinte exemplo:

...fugiu um escravo de nome José, crioulo estatura ordinária, cheio de corpo, cara redonda, pinta de branco na barba, como na cabeça, com o nariz, e beiços feridos de bobas; orelhas grossas da mesma moléstia, com um grande calo de ferida na perna direita, de idade de 40 para 50 anos mais ou menos. O Anunciante promete dar 12\$000 rs a quem o pegar, e trazer, e se for fora da Província dará 30\$000 (A Matutina Meiapontense, 1832: n.º 326).

Dois aspectos chamaram a atenção nas notícias sobre esse tema: significativo número de anúncios sobre as fugas, com grande variação no valor das recompensas e a omissão sobre a vida, cotidiano, alimentação e tratamento geral dados aos cativos.

Sobre as Questões Indígenas, constatamos a preocupação do governo com a catequese e “civilização” para amenizar os constantes conflitos entre índios brancos e possibilitar o povoamento da Província. As notícias sobre a temática das questões indígenas são geralmente preconceituosas e de certo modo também lhes atribuíam parte da responsabilidade pelo estado da “decadência” em que se encontrava a Província. É indubitável que um dos modos de levar a tão sonhada “civilização” aos indígenas era praticado por meio da catequese e do incentivo ao trabalho. Há diversas descrições pormenorizadas da situação de confronto entre diversas nações indígenas como os Xavante, Caiapó, Xerente, Canoeiro, descrevendo ataques que resultaram na morte de inúmeros brancos. Fala, ainda, do destino dos índios órfãos que, na maioria das vezes, eram entregues às famílias para servirem de escravos (A Matutina Meiapontense, 1831: n.º 121). As notícias refletem bem a mentalidade da época, como mostram os decretos ordenando o envio de índios civilizados para receberem treinamento e munição para a captura de índios que fugiram de aldeias e o exemplo de um requerimento pedindo um casal de índios pequenos para prestarem alguns serviços (A Matutina Meiapontense, 1832: n.º 351).

Os assuntos dedicados à Religião/Igreja aparecem com frequência, pois a vida política e o cotidiano eram permeados por esta. Era comum que toda comemoração política começasse ou terminasse na igreja. Os valores cobrados pelos atos religiosos, como as desobrigas, confissões e missas, eram discutidos tanto na Assembléia como na Câmara. As festividades, em sua maioria, possuíam caráter cívico e religioso. As celebrações públicas (datas nacionais) eram feitas em todos os Arraiais, e a igreja tinha sempre lugar de destaque. Não obstante, havia diversas datas comemorativas, como por exemplo, o dia 07 de setembro e o de 12 de outubro (aniversário de D. Pedro I) que eram comemorados com grande entusiasmo da população. As descrições das festas religiosas são muito ricas em detalhes, mostrando as pompas que a cada uma eram dedicadas.

O tema Comércio/Valores permite uma visão dos gastos do governo, os valores dos impostos, das heranças, dos produtos de primeira necessidade, bem como compreender as carências e dificuldades enfrentadas pela população na Província no período. Nessa categoria, um aspecto sempre polêmico foi o da cobrança dos dízimos. O historiador Luis Palacín (1994) afirmava que o imposto do dízimo era um dos fatores primordiais que contribuíram para o pouco desenvolvimento das atividades agrícolas na província de Goiás durante os oitocentos. A tese de Palacín parece ser confirmada pela análise D'A *Matutina Meiapontense*, pois aparecem várias reclamações no periódico, aparentemente feitas por fazendeiros, sobre o modo de avaliar as mercadorias, a forma de pagamento e a quantidade de produtos que o imposto cobria.

Acerca da temática do Meio Ambiente, percebemos ao longo dos anúncios, que na época já era perceptível alguma preocupação com a questão, como mostra a seguinte citação: “[...] Marques leu, como Conselheiro, uma Proposta contra o abuso de se matar peixe com timbó, e outros vegetais venenosos” (A *Matutina Meiapontense*, 1830: n.º 10). São encontradas também críticas referentes às queimadas e derrubadas de matas, em forma de denúncia contra o empobrecimento do solo. Inclusive, em algumas edições, é significativo o espaço ocupado com o “Catecismo da Agricultura”, no qual procurava ensinar os métodos mais adequados para o bom uso do solo.

As Comunicações em Goiás no século XIX foram bastante problemáticas, fato justificado por vários fatores tais como: isolamento geográfico, carência de capital para ser investido nas vias de transportes, tanto terrestre como na navegação dos rios. A carência de estradas transitáveis durante todo o ano dificultava também o transporte dos correios, que além de demorado, não eram confiáveis. Não raro ocorria a invasão da privacidade de correspondência, ou por questões políticas ou por simples curiosidade. São constantes os ofícios dirigidos ao administrador dos correios com o intuito de melhor organizar a entrega das correspondências oficiais e particulares, que, segundo reclamações dos usuários, demoravam demasiadamente para ser entregues aos interessados (*Matutina Meiapontense*, 1830: n.º 36). Pedidos de concessões de verbas dirigidas ao Imperador também eram freqüentes, principalmente para a melhoria das estradas e para construção de pontes. Na edição de n. 172 de 1831 é relatado que se formará uma comissão para escrever ao Imperador

pedindo autorização do imposto da carne verde (carne fresca) para o conserto de três pontes da cidade de Goiás.

As notícias sobre os rios em geral, e a navegação em particular, na Província de Goiás, mostram bem a realidade vivenciada na época: o enorme potencial oferecido pelos “caminhos que andam”, mas com condições mínimas de utilização. Apesar das inúmeras dificuldades, a navegação foi de suma importância, principalmente para o norte da Província, devido à precariedade das vias terrestres de transportes. Constatou-se também a constante preocupação por parte do governo, no povoamento das margens desses rios com o intuito de melhorar as condições da navegação e defesa contra os povos indígenas. Significativa é a fala do Presidente da Província Miguel Lino de Moraes, ao Conselho Geral, sobre a navegação dos rios Araguaia e Tocantins. O Presidente afirma que a navegação via Rio Tocantins era a mola para o desenvolvimento de Goiás, principalmente porque algumas localidades do norte de Goiás já mantinham comércio com o Pará (A Matutina Meiapontense, 1830: n.º 34).

As diferenças históricas entre o Norte e o Sul da Província também podem ser observadas em diversas edições do periódico, como mostra novamente a citação de Miguel Lino de Moraes, quando afirma que: “[...] é notório quanto são pobres todas as Freguesias da Comarca de São João das Duas Barras, e algumas há pobríssimas” (A Matutina Meiapontense, 1830: n.º 118). O Norte da Província era citado com mais frequência como lugar de instabilidades sociais e também como sendo mais suscetível aos ataques indígenas, em contraposição ao Sul. Evidenciou-se também grande diferença com relação à divisão das verbas a serem empregadas nas duas Comarcas, a discrepância se apresentava sempre com vantagens significativamente maior para o sul em detrimento do norte.

As outras notícias catalogadas e relacionadas nos quadros tiveram um espaço bem diminuto em relação às acima comentadas (como por exemplo, temas voltados para as mulheres, que raramente apareciam notícias escritas por elas ou abordagens sobre elas). Sua omissão também pode evidenciar traços da mentalidade da época, bem como dos responsáveis pela publicação do periódico.

Finalmente, por meio da análise dos conteúdos de A Matutina Meiapontense, é possível ter uma idéia, mesmo que fragmentada, dos principais problemas enfrentados pelos moradores da Província, principalmente pelos de Meia Ponte, e o descaso do poder central no esforço para a solução desses problemas. Nesse contexto, a fundação do periódico aparece como uma

ação capaz de concorrer para se divulgar as potencialidades da Província, clamar por medidas concretas para a região e ainda, funcionar como um meio de contribuir para a instrução da população.

Sobre o final da circulação do periódico, embora não se possa afirmar com total segurança, a justificativa encontrada nas últimas edições do próprio periódico, foi a simples falta de papel:

Com este n. suspende-se a publicação desta Folha por falta de papel, porém continuar-se há publicá-la como até agora, duas vezes por semana logo que ele chegue do Rio de Janeiro donde se mandou vir. Rogamos por tanto aos Senhores Subscritores que ainda não satisfizeram o importe das suas assinaturas, tenham a bondade de o fazer dirigindo-se pra isso às casas assinaladas. (A Matutina Meiapontense, 1834: n.º 523).

Considerações Finais

A *Matutina Meiapontense*, principal fonte documental utilizada nesta pesquisa, possui grande potencial a ser explorado por diversas abordagens e metodologias. Seu conteúdo é de suma importância para o conhecimento de aspectos da História de Goiás no século XIX, pois foi o primeiro periódico fundado na Província de Goiás e no Brasil central. Acreditamos que os resultados que ora apresentamos são relevantes e abrem para novas possibilidades de pesquisas.

Diversos foram os obstáculos encontrados ao longo do trabalho, principalmente no que se refere à difícil leitura que o documento oferece para iniciantes na pesquisa com esse tipo de fonte. Embora o documento se encontre também na forma digitalizada, em algumas edições, a notícia não se apresenta totalmente legível, e o vocabulário muitas vezes também não faz parte do cotidiano do iniciante, exigindo mais atenção e tempo para a compreensão de um mesmo trecho. Foram necessárias, portanto, re-leituras em diversas notícias para esclarecimento de dúvidas. Mas, como um dos objetivos do projeto foi justamente o de

favorecer um primeiro contato e aprendizado para estudantes de História em projetos de iniciação científica, podemos dizer que esse objetivo foi plenamente atingido.

Acreditamos que os resultados dessa pesquisa possam oferecer contribuições para uma melhor compreensão das condições de Goiás (uma Província do sertão, com suas peculiaridades, numa região periférica, mas que fazia parte da História do Brasil), para enriquecer o estudo da História Regional e para incentivar novas pesquisas sobre essa fonte e período da História. A catalogação pode auxiliar de modo eficaz o pesquisador interessado em explorar essa fonte documental para novas abordagens. Não foi nossa pretensão também a de ter esgotado todos os assuntos abordados e os usos que o periódico pode oferecer para diversos enfoques e utilidades em novas pesquisas. O que pretendemos foi, além de evidenciar aspectos da Província de Goiás no século XIX, contribuir para tornar o periódico mais conhecido e mostrar as múltiplas opções que o pesquisador encontrará ao utilizá-lo, numa visão “de dentro” do sertão.

Referências

A *MATUTINA MEIAPONTENSE*. Periódico fundado em Meia Ponte (atual cidade de Pirenópolis), na Província de Goiás, que circulou entre os anos de 1830 e 1834 (impresso e digitalizado).

BERTRAN, Paulo. *Formação Econômica de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1978.

CHAUL, Nasr Fayad. *Caminhos de Goiás: Da Construção da Decadência aos Limites da Modernidade*. Goiânia: UFG, 1997.

COSTA, Lena Castello Branco Ferreira. *Arraial e Coronel: dois estudos de história social*. São Paulo: Cultrix, 1978.

GARCIA, Ledonias Franco. *Goyaz: uma Província do Sertão*. (Tese Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 1999.

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MATOS, Raymundo José da Cunha. *Chorographia Histórica da Província de Goyaz*. Goiânia: SUDECO/Governo de Goiás, 1979.

PALACIN, Luis. *O Século do Ouro em Goiás. 1722-1822: Estrutura e Conjuntura numa Capitania de Minas*. 4. ed. Goiânia: UCG, 1994.

POHL, J. E. *Viagem no Interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de Goiás*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

SILVA, Marcos A. da. *República em Migalhas: História Regional e Local*. São Paulo: Marco Zero, 1990.